

Apresentação

As relações entre Filosofia e Literatura são tão antigas quanto esses dois campos dos saberes. A exemplo de Platão que distinguia discursos verdadeiros (diegesis) e ficcionais (mimese) ou, mais adiante, Hegel que reconhecia a poesia como um discurso não-filosófico, mas verdadeiro, comprova-se o apreço dos filósofos em tematizar a literatura. Em contrapartida, no campo literário, também se faz marcante o diálogo de poetas e prosadores tematizando a filosofia quando não os seus filósofos, a exemplo de Sócrates em “As nuvens” de Aristófanes, ou da teoria do ‘humanitismo’ de Machado ironizando o Positivismo. Do mesmo modo, é representativo o número de escritores dedicados à ficção e que se utilizaram de conteúdos filosóficos em suas obras, como Dostoiévsk, Shakespeare, Hermann Hesse, entre outros. Os vínculos entre a filosofia e a literatura parecem, em certo sentido, permanentes, e de igual modo *A Palo Seco – escritos de filosofia e literatura* busca nesse número apresentar textos que se dobram sobre a perspectiva dialógica dessas duas grandes áreas para apresentar novas leituras e análise resultantes da pesquisa científica voltada à interface literatura e filosofia.

Abrimos assim a edição com o artigo *Romain Gary, uma filosofia do amor*, de Carla Alexandra Ezarqui, em uma abordagem que levará em conta conceitos filosóficos como amor e outros que gravitam ao seu redor. Estes sendo perspectivados inicialmente sob o ponto de vista filosófico, logo serão transpostos ao próprio texto literário, oferecendo não mais respostas sobre suas verdades, mas sim suas experiências infinitas e suas diferentes formas de expressão. Para tanto, a autora fundamenta-se em Martha Nussbaum, em seu estudo sobre a forma como a qual certas narrativas constituem-se uma Ética – na medida em que, ao singularizar experiências e expressar os seus sentidos, por meio do estilo, essa ética estará indicando orientações e, mais ainda, ampliando possibilidades, em um número infinito e imprevisível, sobre o bem viver. Ezarqui toma os romances de Gary sob a noção do amor para exemplificar suas diferentes aplicações, como em *Gros-Câlin* (1974a) expressa na ética “Da solidão ou da compensação afetiva”; em *Clair de femme* (1977), na “Da fatalidade ou da fraternidade entre o casal”; e, em *L’angoisse du roi Salomon* (1979a), na expressão de duas éticas, a “Da compaixão ou do amor à humanidade” e a “Da angústia ou da perda deliberada”.

Já o artigo intitulado *Razões da realidade e da imaginação como consciência cética do mundo: experimentações poéticas de Wallace Stevens*, de autoria de Pedro Lucas Nascimento Carneiro e Manoel Barreto Junior, coloca em evidência a poética de Wallace

Stevens e os traços de suas experimentações poéticas articuladas às tensões decorrentes das razões da realidade e da imaginação como consciência cética do mundo. Por meio de poemas selecionados, os autores analisam o fazer poético stevensiano, observando a relação entre realidade e imaginação, e ao papel da lírica moderna como ‘categoria sócio-histórica e, portanto, intersubjetiva sensível ao lento e contínuo processo de antropomorfização’.

O artigo *Entre desarranjos e desejos: a missiva poética de Graciliano Ramos*, de Thalita de Oliveira Simões Banhos, percorre a escritura epistolar desse escritor aproximando-a àquela de Kafka – valendo-se de *Kafka: por uma literatura menor*, de Deleuze e Guattari. Inicialmente o artigo introduz um cenário biográfico a partir do qual irrompe a intensa correspondência epistolar de Graciliano nas décadas de 1920-1930. Se, por um lado, nela imprimem-se preocupações políticas, sociais e literárias comuns aos escritores contemporâneos, por outro lado, ela introduz, na virada de 1927-1928, um outro tipo de escrita epistolar, que são cartas de amor, endereçadas a sua futura esposa. Se comum às cartas de amor é o jorro sentimental, comum é, aos grandes escritores, como Kafka, e também no caso, Graciliano, a superação desse sentimentalismo tanto na multiplicidade de assuntos tratados, quanto no tratamento de um “eu” que reflete sobre eles ao mesmo tempo em que reflete sobre si mesmo. A autora dará relevo aos assuntos como a natureza da carta de amor em geral, o que dela discorrem, de forma semelhante, Graciliano e Kafka, assim como a natureza particular do amor nela revelado.

Em *Epos do não: o conceito adorniano de epopeia negativa em Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, Fernando Oliveira Santana Júnior tece considerações sobre a epopéia clássica e, em seguida, explora o conceito de epopeia negativa aludida pelo filósofo Theodor Adorno (2003) em seu ensaio ‘Posição do narrador no romance contemporâneo’. Em razão de Adorno não tê-la desenvolvida sob forma de uma noção, o autor procura sua aproximação com as reflexões de Georg Lukács (2000), na *Teoria do romance*, e outros pensadores que irão dialogar com essa « epopeia negativa », a fim de perspectivá-la na obra de João Cabral. Se « existência » e « essência » são coincidentes na epopeia clássica, ou melhor, lembrando Lukács, se o « transcendente está indissolivelmente mesclado à existência terrena », surgindo o herói como impulsionador da fusão entre o humano e o divino, na « epopeia negativa » sobressalta-se certa fissura entre eles. Em mundo exterior transformado em negatividade, resta a recolhida àquele interno, tentando descrever toda a complexidade relacional e negativa, entre eles – no caso da obra de João Cabral, a viagem circular do sertão à cidade mostra a impossibilidade de reatar antigos laços entre os mundos já separados.

Sobre a *A sistemática da deformação da tradução da prosa bermaniana a partir da definição de tendências deformadoras primárias e secundárias*, William Farnesi segue

caminhos de abordagem que dialogam com a filosofia da linguagem e com os desafios que envolvem o trabalho da tradução em prosa. Pautado nas teorias de Antoine Berman ([1985] 2013) acerca das tendências deformadoras verificadas em traduções, muitas vezes retraduzidas, e também na proposta das tendências deformadoras de Florence Gaillard (2006), o artigo potencializa a análise expondo a sistemática da deformação da tradução em prosa concentrada em 13 tendências, contemplando também a definição de “grande prosa” de Antoine Berman. No fim do artigo, o autor investe na aplicabilidade das teorias pesquisadas e apresenta um exemplo buscando localizar, descrever e representar, no espaço, as tendências deformadoras presentes no título escolhido pelos tradutores franceses Jean e Marie-Noëlle Pastureau para “Tetto Murato” de Lalla Romano.

Em *O existencialismo em Rubem Fonseca*, Sidnei Luiz Flach busca diálogos entre a filosofia existencialista e a obra de Rubem Fonseca. Privilegia, em sua análise, os contos *Lúcia McCartney* (1994), *O Cobrador* (1994), *O Buraco na Parede* (1995) e o romance *A grande arte* (1994). A abordagem se centra na ‘falta de sentido’ vivenciada pelas personagens e na conseqüente sensação de angústia, pessimismo, absurdo e tédio que as consomem. A partir de alusões a Søren Kierkegaard (1813–1855), Martin Heidegger (1889-1976) e Jean-Paul Sartre (1905-1980), a proposta procura ressaltar a brutalidade e a solidão da sociedade brasileira retratadas na realidade de laços sociais desfeitos e evidenciados na linguagem também brutal de Rubem Fonseca. Flach observa na obra de Fonseca uma oportunidade para uma maior compreensão de uma sociedade que substituiu crenças metafísicas pela técnica, a despeito da sensação de abandono e solidão provocadas pela angústia existencial.

A ataraxia troglodita: uma perspectiva epicurista em Jorge Luis Borges, de Daniela Veloso de Abreu e Matos e de Thiago Brasileiro Vilar Hermont, explora o conto *O Imortal*, de Jorge Luis Borges, penetrando no espaço central dessa narrativa, mais precisamente na « Cidade dos Imortais ». A condição imposta a seus habitantes, a imortalidade, é analisada em uma abordagem comparativa ao pensamento de Epicuro. Neste, os autores detêm-se na noção de « ataraxia » e sua intrínseca relação com a ideia de morte – mais precisamente, a ataraxia alcançada na « ruptura » dessa relação. O estado de ataraxia, segundo Epicuro, estaria no alcance de uma vida de quietude, em prazeres moderados e fruidos mentalmente, e distante dos temores, e do temor maior que é o da morte. Em uma aproximação entre Epicuro e Borges, em um primeiro momento, o artigo trata os seres imortais do conto como em estado de quietude próximo àquele da ataraxia epicurista; e, em um segundo momento, mostra o distanciamento entre tais pensadores, pois na quietude de Borges infiltra-se o estado de não-existência sensível, como aquele dos « seres condenados a repetir o que já foi feito a exaustão, a ponto de não se importarem com praticamente nada ».

Encerra-se assim esse volume, apresentando reflexões importantes sobre temas comuns à existência humana como vida e morte, angústia, solidão, amor, violência, como também temas importantes relevantes como a ética, o fazer poético, o trato tradutório. Almejamos que apreciem a leitura!

Maria A. A. de Macedo

Luciene Lages